

## UMA "LIST STRUCTURE" EM DBASE III PLUS PARA O ESTUDO DO ROMANCE TRADICIONAL

MARIA TERESA ARAÚJO \*

### 1. VANTAGENS DA APLICAÇÃO DE UMA BASE DE DADOS AO "CORPUS" EM REFERÊNCIA

Uma base de dados permite não só o armazenamento da informação mas, sobretudo, e nisto consiste a verdadeira vantagem de um programa deste tipo, a actualização permanente, a classificação, a procura selectiva ou seja, a possibilidade de serem impostas condições de pesquisa e o relacionamento rápido de múltiplas variáveis.

O Dbase III Plus surge no contexto das bases de dados. Como qualquer uma, ele define-se por um conjunto de dados estruturados, tomando-os como uma só entidade. Obedece ao sistema relacional, isto é, os registos têm os mesmos campos e é estabelecida uma sequência linear de registos. Através deste programa, todos os dados podem ser manipulados a fim de ser possível obter informação organizada e seleccionada de diferentes modos.

Através desta rápida e superficial descrição, é possível intuir a sua aplicabilidade ao estudo de um *corpus* com as características do romanceliro. Vejamos.

Os romances emergem do universo medieval com uma tecitura épica e, simultaneamente, baladística. Filiam-se, portanto, na gesta peninsular e na tradição da balada europeia. Duas heranças que harmonizam em produção textual quer na corte, quer entre o escol intelectual de então quer, ainda, tal como no presente, no quotidiano menos alfabetizado mas não culturalmente menos activo.

Documentam-nos manuscritos, cancioneiros, folhetos de cordel. Carolina Michaelis de Vasconcelos, depois de coligir um notável reportório de citações romancísticas de vários autores portugueses quinhentistas, conclui:

"Todos conheciam e empregavam romances: Nas ruas da capital e de Coimbra, nas cidades menores e vilas, onde a côrte residia temporariamente, nas aldeias e serras. Em representações cénicas dos serões do paço; longe da pátria, na viagem ao reino vizinho, na travessia à África, nos adustos campos mauritanos; no meio do Oceano, nas fortalezas do Oriente(...)" (1)

Consultando os índices do *Romanceliro Geral Português*(2) de Teófilo Braga, logo deparamos com versões de origem goesa, brasileira, insular atlântica. Mas anterior-

\* Docente da Universidade Nova de Lisboa

mente a esta publicação. Sylvio Romero dava à estampa, nos finais do século XIX, **Cantos Populares do Brasil**(3).

R. Menéndez Pidal(4) apresenta abundantes registos do romancero: nas primeiras viagens da era dos descobrimentos, no processo de europeização do mundo, no êxodo e diásporas dos judeus peninsulares. Mais recentemente, Joanne Purcell(5) e Manuel Costa Fontes(6) contribuem com documentos novos sobre a vida do romancero entre as comunidades de emigração portuguesa na América.

Um corpus com esta história e geografia e com a especificidade da sua fixação e transmissão (escrita, sim, mas oral, enquanto reelaboração permanente) apresenta, como é óbvio, variações. Ele está sujeito a diferenças sócio-culturais, estéticas, ideológicas que vão originar diferenças ao nível das referências, léxico, elementos comparativos, onomásticos, topónimos, amplificações líricas ou cortes intensificando o relato, diferentes assonantes e fórmulas. Contudo, mantém a estrutura e o tema permitindo e legitimando a identificação e parentesco de versões.

Abordar, portanto, um romance, significa trabalhar com um número significativo de versões, nas quais é necessário cotejar e relacionar uma série de elementos: organização do relato, personagens, assonantes e estrutura rimática, contaminação (ou não) de romances, fórmulas móveis (espécie de blocos textuais que flutuam entre vários romances), géneros literários secantes (ou seja, um romance ou uma versão pode colocar-nos problemas de género - tendencialmente narrativo? dramático?). Estes alguns índices de ponderação.

Uma base de dados pode ser um precioso instrumento de trabalho na área dos estudos romancísticos. Como proceder?

## 2. APRESENTAÇÃO DA "LIST STRUCTURE"

- a. análise de dados;
- b. o projecto (definição e caracterização dos campos);
- c. produto final.

O primeiro momento é decisivo na organização da estrutura da base de dados, uma vez que vai condicionar os momentos posteriores de armazenamento de informação e ulterior pesquisa seleccionada. Assim, há que analisar os dados existentes e com base nesses dados, definir os "atributos" ou "campos" que cada registo deve conter.

Numa segunda fase, realiza-se o aperfeiçoamento da lista de campos. Por exemplo, o atributo Geografia poderá trazer vantagens se for dividido por vários campos Província, Distrito, Concelho e Freguesia. Era provável acontecer que, em situação de pesquisa, apenas interessasse a condição Concelho ou Freguesia; havendo apenas um campo Geografia, a procura seria mais lenta ou até impossível.

Nesta altura, define-se a largura de cada campo, segundo a quantidade de informação a inserir em cada um, e o tipo de atributo (character/numeric/logical/memo).

Cria-se, então, uma estrutura com a salvaguarda de a todo o momento, poder ser alterada sem necessidade de modificar registo a registo, uma vez que a estrutura é aberta.

Apresentamos um exemplo:

Structure for database : C:ANALROM.dbf

	Field Name	Type	Width
1	CASSIFIC	Numeric	14
2	AUTOR	Character	100
3	TIEDLOC	Character	100
4	ANO	Numeric	4
5	PAGNVERS	Numeric	10
6	DISTRITO	Character	20
7	CONCELHO	Character	20
8	FREGUESIA	Character	20
9	ORGRELT	Character	30
10	ESTRIMAT	Character	30
11	PERSON	Character	100
12	NOTAS	Character	150

Isto é.

1. CASSIFIC - registo do romance em questão segundo a classificação do **índice General del Romancero**;
2. AUTOR - registo do autor que publica a versão;
3. TIEDLOC - registo do título, editor e local de edição da obra que transcreve a versão;
4. ANO - registo do ano de edição da obra;
5. PAGNVERS - registo da página da obra que apresenta a versão;
6. DISTRITO - registo da origem geográfica da versão;
7. CONCELHO - Idem;

8. FREGUESIA - Idem;
9. ORGRELT - registo da organização do relato; as opções definem-se por a) abertura "in media res", b) abertura narrativa, c) desenvolvimento dialógico, d) desenvolvimentos líricos, e) fecho abrupto e f) intervenção de um narrador;
10. ESTRIMAT - registo da estrutura rimática; as opções são a) monorrimática e b) polirrimática;
11. PERSON - registo das personagens que intervêm;
12. NOTAS - registo de qualquer observação necessária relativa a qualquer dos campos ou para além deles.

### 3. EXEMPLOS DE APLICAÇÃO

- a. um registo;
- b. a procura selectiva com imposição de condições.

Vejamos o que seria um registo no qual a informação tivesse sido já inserida (as informações referem-se à versão nº 28 da obra a seguir indicada)

CASSIFIC	0503 + 0005
AUTOR	Ana Maria Martins e Pere Ferré (organização)
TIEDLOC	<b>Novos Inquéritos, Romanceiro Tradicional do Distrito de Beja</b> , Universidad Complutense de Madrid - Seminario Menéndez Pidal - e Real Sociedade Arqueológica Lusitana, Lisboa
ANO	1988
PAGNVERS	47-48      DISTRITO Beja      CONCELHO Beja
FREGUESIA	BALEIZÃO
ORGRELT	Abertura narrativa/desenvolvimento dialógico/intervenção final do narrador.
ESTRIMAT	Polirrimática; dominância quase absoluta da assonante -ia.
PERSON	Pai-Rei/D. Silvana/Conde de Ilamanha/Condessa/Menino.
NOTAS	Versão contaminada: "Conde Alarcos + Silvana"; da presença de "Silvana", romance monorrimático em -ia, resulta a dominância dessa assonante nesta versão.

A partir do momento em que tivéssemos no banco de dados toda a informação, por exemplo, relativa ao romanceiro do distrito de Beja, seria possível fazer pesquisas relacionando todos ou parte dos campos com imposição de condições. Assim, seria possível saber todos os títulos e respectivos autores de versões do romance X recolhidas na freguesia de Baleizão anteriores a 1960 e posteriores a 1950; além disso, neste extracto do corpus, pretendíamos verificar que personagens intervêm e se se registam algumas observações (Notas) a essas versões. Ou, suponhamos que o nosso objectivo era saber que freguesias deste concelho já tinham oferecido versões do romance Y e onde estavam publicadas.

As combinações são múltiplas, obviamente, apenas definidas pelos campos da estrutura.

#### 4. CONCLUSÃO

É já um lugar comum relacionar o arsenal informático de que hoje podemos dispor com a produção e a análise literária. De facto, substituir a máquina-de-escrever mecânica ou electrónica por um "processador de texto" representa uma optimização dos instrumentos tradicionais. E importará consciencializar outros aspectos presentes nessa permuta, como seja a ductilidade dos processos do acto de produzir e analisar e suas consequências.

Mas esse é o primeiro passo de uma cumplicidade mais rica: ao nível de arquivos relacionais sempre actuantes e reformuláveis, ao nível da visualização de determinados elementos em gráficos de diferentes tipos, ao nível do tratamento estatístico de múltiplos fenómenos literários (desde autorais a textuais)... e, enfim, ao nível da relação de todos estes programas e informações.

Desta forma, aplicando a informática ao universo dos estudos literários, enriquecemos mutuamente as áreas do saber na medida em que uma se constitui como estímulo e exigência em relação à outra.

#### NOTAS

(1) Carolina Michaelis de Vasconcelos, *Romances Velhos em Portugal*, 2ª ed., Imprensa da Universidade, Coimbra, 1934, p. 252.

(2) Teófilo Braga, *Romanceiro Geral Português*. I, 2ª ed., Manuel Gomes, Lisboa, 1906; II, Manuel Gomes, Lisboa, 1907; III, J. A. Rodrigues & Co., 1909. Reedição facsimilada prefaciada por P. Ferré, Vega, Lisboa, 1982.

(3) Sylvio Romero, *Cantos Populares do Brasil*. Nova Livraria Internacional - Editora, Lisboa, 1883.

(4) R. Menéndez Pidal, *Romancero Hispánico* (Hispano-Portugués, Americano y Sefardí), 2ª ed., Tomos I e II. Espasa-Calpe, S.A., Madrid, 1968.

(5) Maria Aliete Dores Galhoz, *Romanceiro Popular Português*, Centro de Estudos Geográficos, INIC, Lisboa, 1987, pp. XXX-XXXI.

(6) *ibidem*.

**OUÇA DIARIAMENTE  
DAS 6 às 2 da MANHÃ**

**FM - 104.5 Mhz**



**Rua da Misericórdia, 4 - Telef. 26477  
7 800 BEJA**